

O HOMEM MEDIEVAL: UM PEREGRINO POR EXCELÊNCIA

César Augusto da Silva Foga¹

Resumo: a proposta do presente ensaio é tratar sobre determinados aspectos da peregrinação na Idade Média, levando em consideração algumas particularidades do homem medieval como a sua religiosidade, o hábito de peregrinar e de viajar pelo Mundo. Dessa maneira, nossos objetivos se circunscrevem em discorrer acerca das principais características da peregrinação na Idade Média, assim como suas motivações e demonstrar que o homem medieval trazia em sua essência o hábito da peregrinação.

Palavras chave: Idade Média; peregrinação; viagem; religiosidade.

Resumen: la propuesta del presente ensayo es tratar acerca de las diversas facetas de la peregrinación en la Edad Media, teniendo en consideración algunas de las particularidades del hombre medieval como la religiosidad, el hábito de peregrinar y el viajar por el Mundo. De esa manera, nuestros objetivos se circunscriben en desarrollar las principales características de las peregrinaciones en la Edad Media, así también sus motivaciones, demostrando que el hombre medieval poseía en su esencia el hábito de la peregrinación.

Palabras clave: Edad Media; peregrinación; viajes; religiosidad.

Introdução

A mobilidade das pessoas durante a Idade Média foi intensa, o homem medieval vivia em constante deslocamento de uma região para a outra. Apenas para citar como exemplo, cavaleiros, mercadores, monges e peregrinos delineiam essa sociedade *in via*. Logo, uma das relações fundamentais dos medievos com o espaço era sua disposição a errar pelo mundo (LE GOFF, 2009, p, 139).

Dessa maneira, devemos previamente advertir que.

A imagem construída pela historiografia tradicional, de uma Idade Média imóvel em que o camponês está ligado à terra e a maioria dos homens e mulheres à sua pequena pátria, com exceção de alguns monges viajantes e de aventureiros das cruzadas, foi recentemente substituída pela imagem, certamente mais justa, de uma humanidade medieval móvel, frequentemente a caminho, *in via*, que encarna a

¹ (*) Mestrando em História pelo Programa de Pós-Graduação “História e Sociedade” da Faculdade de Ciências e Letras de Assis - Universidade Estadual Paulista.

definição cristã do homem como viajante, como peregrino, homo viator (LE GOFF, 2010, p, 97).

Aliás, o que explica essa sociedade errante são tanto fatores materiais quanto espirituais, conforme discorre Jacques Le Goff. “Para a maioria, não só nenhum interesse material os retinha em suas casas como o próprio espírito da religião cristã os impelia à estrada” (LE GOFF, 2005, p, 127), seguindo assim as palavras de Cristo e propagadas pela Igreja, “deixe tudo e siga-me”.

“Peregrino nesse mundo, um microcosmo, o homem transitava entre seu corpo/carne e sua alma/inteligência através de misteriosos caminhos” (ANDRADE FILHO, 2012, p. 87), uma vez que o verdadeiro sentido da peregrinação está no significado da vida terrena, considerada passageira, ou melhor, uma viagem que tem a incumbência de lavar o homem até a morada eterna.

Assim, considerado um modo de orar com os pés (CORTAZAR, 1994, p. 11), a peregrinação se fez presente no cotidiano do Ocidente medieval, o que interessava era romper com o horizonte cotidiano através de um caminho pautado entre o real e o imaginário, o real sendo o deslocamento, o esforço físico e o imaginário os anseios do peregrino de salvar sua alma ou busca por algum milagre.

Peregrinação: prática cristã e pagã

Entretanto, para melhor discorrermos acerca das peregrinações medievais faz-se necessário compreendermos o contexto sócio-religioso da época. Considerar que a religiosidade medieval era uma simbiose entre a religião cristã e as práticas pagãs (MAROTO, 1990, p. 137). Pois, a religião cristã nada mais era que um verniz que cobria uma série de elementos supersticiosos (VAUCHEZ, 1995, p. 23).

A continuação de manifestações culturais, presentes em épocas bem posteriores à sua origem, sofreu a tentativa da Igreja de desqualificá-las, sob o epíteto de “sobrevivências”, de “superstições” sem se aperceber que muito de suas práticas prolongava essas manifestações culturais. Dentre outras, o culto aos santos, que visa preparar para a salvação, não deixa de ser um ato supersticioso entre os crentes, prolongando de uma maneira inadvertida para a Igreja, a questão do culto aos heróis do paganismo. (ANDRADE FILHO, 2012, p. 106).

Dessa forma, as peregrinações também fazem parte dessas crenças e práticas pagãs que transmitidas ao Ocidente medieval, foram paulatinamente cristianizadas. Por exemplo, “Muitas vezes a peregrinação tem por objeto lugares naturais como, rios, fontes, cavernas ou grutas, em cuja proximidade posteriormente foram levantados, em muitos casos, santuários dedicados a alguma divindade” (VASQUEZ DE PARGA, LACARRA, URÍA RÍU, 1948-1950, p. 10).

A Igreja durante a Idade Média apropriou-se dessas práticas pagãs ou ditas folclóricas (considerando o termo folclore como aquilo que a Igreja classificava como superstição, ou seja, as permanências pagãs). Sobre essa questão Jacques Le Goff, afirma que a cultura eclesiástica, muitas vezes, insere-se nos quadros da cultura folclórica: como a localização das igrejas e dos oratórios, funções pagãs transmitidas aos santos, dentre outros elementos (LE GOFF, 1980, p. 213). O mesmo ainda afirma que isso ocorre, quando a cultura clerical encobre a cultura folclórica e os temas folclóricos mudam radicalmente de significado. Por exemplo, sobre um antigo mausoléu pagão é construída uma igreja na tentativa de dar uma resignificação cristã àquele local.

Além dessa discussão sobre a importância da religiosidade para a compreensão da peregrinação na Idade Média, não devemos esquecer que “O desejo de peregrinar está profundamente arraigado na natureza humana” (RUNCIMAN, 2002, p.46). O hábito da peregrinação existe desde a época pré-histórica (MAROTO, 1990, p. 137), e não devemos considerar a peregrinação como exclusividade da religião cristã e tampouco da Idade Média. Pois, as peregrinações se desenvolveram concomitantemente com o sentimento religioso do homem, mas no momento histórico aqui em discussão (Idade Média) adquiriu novas características em razão de uma série de fatores, dentre as quais a simbiose entre as tradições folclóricas e a religião cristã, conforme tratado, mas, além disso, há outros elementos que também devem ser enaltecidos.

Objetivos da peregrinação

Dentre esses elementos que devemos nos ater o primordial é o culto aos santos, considerados mediadores entre Deus e os homens (ANDRADE FILHO, 2012, p. 196).

O culto aos santos foi desenvolvido de maneira considerável durante a Idade Média e tal culto foi de grande relevância para as peregrinações. “Os grandes centros de peregrinação da Cristandade medieval nasceram em torno de sepulcros” (BONASSIE, 1981, p. 161). “Procuravam-se apaixonadamente às suas relíquias, isto é, partes de seu corpo ou até objetos que tiveram contato com eles durante sua vida ou depois de sua morte” (VAUCHEZ, 1995, p. 25).

Se o início da Idade Média foi marcado pela divinização do santo, o final da Idade Média foi caracterizado por uma humanização do divino, a celebração da humanidade de Cristo (SHMITT, 1984, p. 293).

A devoção à Cristo, santos e suas relíquias e santuários, junto com outras razões, promoveram uma das práticas mais férteis e repetidas na alta e baixa Idade Média: *a peregrinatio pro Cristo*, como exercício piedoso e penitencial, iniciado pelos monges escoto-irlandeses e seguido apaixonadamente pelo povo (MAROTO, p. 1990, p. 133).

É então entorno do cadáver do santo, de seu túmulo que os peregrinos fomentam a sua fé, a importância do contato físico do peregrino com as relíquias é assinalada por Jacques Le Goff e Nicolas Truong, “O Santo Medieval tem um poder que passa pelo corpo e dirige-se com frequência ao corpo” (LE GOFF, TRUONG, 2012, p. 171). Dessa forma, no decorrer da Idade Média o santo substitui a figura do anjo, pois diferente deste, o santo é presente, através de suas relíquias ele torna-se material, ademais sua figura é humana o que ajuda a atrair a atenção dos fiéis.

A cura de moléstias que acometiam os homens são os milagres mais comuns de serem relatados, sobretudo, quando tratamos das chamadas hagiografias (vidas de santos), fica evidente a presença desse tipo de milagre. Mas, devemos lembrar que a importância do santo não está relacionada à cura efetiva, mas sim a esperança da cura. Era essa esperança que levava os peregrinos ao seu encontro. Para ilustrarmos tal afirmação, podemos recorrer a célebre tese de Marc Bloch ao tratar sobre a crença dos medievos no poder miraculoso dos reis, Bloch afirmou que o que importava não era a cura em si, mas a crença dos medievos que aqueles reis poderiam realizar tal cura (BLOCH, 2001, p. 9), fato é que muitas vezes aqueles enfermos que não obtinham sucesso em tal feito retornavam para serem tocados mais uma vez pelos soberanos.

Isso explica uma das principais facetas da peregrinação, que é aquela em busca do milagre relacionado à cura. O próximo excerto do *Liber Sancti Jacobi* nos remete a essa ideia, um homem que peregrina até Compostela esperando curar-se de uma doença.

Em nossa época, um importante varão de Borgonha chamado Guiberto, que desde os quatorze anos estava paralisado de tal modo que não podia dar um passo, encaminhou-se para Santiago em dois cavalos seus com a sua mulher e seus criados. Tendo se hospedado no hospital do mesmo Apóstolo, perto da igreja, por não querer em outra parte, foi aconselhado em um sonho que estivesse sempre em oração nela, até que São Tiago lhe estirasse os membros encolhidos. Passou, pois, velando na basílica do Apóstolo duas noites, e estando em oração na terceira, veio São Tiago e tomando-lhe a mão o colocou em pé. (LIBER SANCTI JACOBI “CODEX CALIXTINUS”, 1998 p. 379. *Apud*: MALEVAL, 2005, p. 177).

O suposto milagre, supracitado, faz parte de uma obra que buscava propagar a lenda de Santiago perante a Cristandade, ou seja, divulgar os milagres atribuídos ao santo. Contudo, o utilizamos aqui, como exemplo, para ilustrar a crença dos medievos nos milagres de santos, principalmente, aqueles voltados à cura de enfermidades que eram então recorrentes, conforme tratado.

Adeline Rucquoi faz uma importante observação sobre esse tipo de peregrinação. A autora afirma que as peregrinações feitas pelos doentes se dirigiam geralmente aos chamados centros regionais de peregrinação e não a locais mais distantes como Jerusalém, Roma ou Santiago (RUCQUOI, 1981, p. 86). Rucquoi versa que, “São peregrinações realizadas em geral por pessoas pobres, em sua grande maioria que irem ao santuário em estado de enfermidade, sem trabalho nem recursos, se transformam facilmente em errantes em mendigos, marginalizados” (RUCQUOI, 1990, p. 86).

O culto às relíquias, a viagem e as formas de peregrinação

No que diz respeito às relíquias, o culto também pode ser considerado um dos suportes fundamentais da peregrinação.

O culto às relíquias – literalmente: restos ou resíduos – de pessoas que eram considerados como santos surgiram no século IV da Igreja

Romana. A fragmentação dos corpos e demais relíquias começou muito cedo no Oriente, mas se difundiram igualmente no Ocidente juntamente com as desordens consecutivas das chamadas invasões bárbaras ou islâmicas (RUCQUOI, 1981, p. 88).

Nessa sociedade permeada pelos sonhos, considerados uma das mais belas criações do imaginário medieval (LE GOFF, 2008, p. 72), o sonho da viagem é recorrente. Conforme destacamos no primeiro parágrafo, se voltarmos nossa atenção para as principais personagens do Ocidente Medieval, eles são errantes. Além dessas personagens, os reis também eram viajantes assíduos. E, a peregrinação nada mais é que uma viagem empreendida por motivos religiosos.

Jônatas Batista Neto discorre sobre os perigos que esses viajantes estavam expostos. “(...) a rota é mesmo muito cruel para o peregrino e diversos exemplos podem ser recolhidos em várias fontes para ilustrar a atmosfera de angustia e de terror em que vivia o *homo viator*” (BATISTA NETO, 1989, p. 179). O *Liber Sancti Jacobi* menciona um milagre onde um peregrino é auxiliado pelo próprio Santiago.

E com sua mulher e dois meninos, montados em sua égua chagaram até a cidade de Pamplona. Mas ali faleceu sua mulher e o injusto estalajadeiro ficou iniquamente com os recursos que o cavaleiro e sua esposa haviam trazidos consigo. Desolado pela morte dela e despojado totalmente do dinheiro e de égua a qual levava os meninos, continuou a sua marcha com muito sacrifício. (LIBER SANCTI JACOBI “CODEX CALIXTINUS”, 1998, pp. 349-350. Apud: MALEVAL, 2005, p. 121).

O episódio acima relatado era comum, tanto que com o decorrer do tempo monarcas e clérigos passaram a construir hospedarias e hospitais ao longo dos caminhos de peregrinação para dar assistência aos peregrinos. Sobre o suposto milagre o *Liber Sancti Jacobi*, segue relatando que o homem com os dois filhos encontrou no caminho para Santiago um senhor que lhe emprestou um asno. Chegando a Compostela, o senhor que havia lhe emprestado o asno era o próprio Santiago. A autenticidade desses relatos presentes nas fontes são discutíveis, mas através dos mesmos podemos identificar os riscos que os peregrinos estavam submetidos e também a crença que os peregrinos atinham na proteção dos santos quando estavam em peregrinação.

Por fim, mesmo com tantos riscos, haviam motivos para os homens colocarem os pés na estrada, essas motivações podem ser individuais ou coletivas. “Para a maioria

dos homens medievais, que não se tornavam monges ou eremitas, a forma privilegiada de luta contra si próprio era a peregrinação” (FRANCO JÚNIOR, 2001, p. 207).

No que diz respeito às motivações individuais em geral elas são variadas, por exemplo, a questão da cura, conforme já discutido e há também o desejo da purificação da alma seja do próprio peregrino ou de outra pessoa, pois é na época conhecida como o apogeu das peregrinações (Idade Média Central), que também se desenvolve o conceito do purgatório. Assim, haviam àquelas pessoas que faziam a peregrinação no lugar de outra pessoa que em vida não a havia realizado, eram os chamados peregrinos por procuração (RUCQUOI, 1990, p. 90).

Quanto à peregrinação coletiva, podemos citar como exemplo um dos principais eventos do Ocidente Medieval, que foram as Cruzadas e que devido ao seu caráter penitencial era considerado pelos cronistas da época um tipo de peregrinação (CORTAZAR, 1994, pp. 15-16).

Considerações finais

Concluindo, nosso intuito neste breve ensaio foi discorrer sobre algumas das principais características da peregrinação no Ocidente medieval e também apontar as principais motivações que impeliam os medievos para a estrada. No entanto, buscamos evidenciar que o ato da peregrinação estava enraizado na essência daquelas pessoas, isso devido à uma série de fatores tanto materiais quanto espirituais conforme explanado.

Por fim, o homem medieval era um peregrino, um peregrino por excelência, pois considerando que a vida terrena era apenas uma passagem, era necessário dar sentido a essa passagem e uma das maneiras era fazer a peregrinação que segundo a crença deles iria preparar alma para a morada eterna.

REFERÊNCIAS

ANDRADE FILHO, R, O. *Imagem e reflexo. Religiosidade e monarquia no Reino Visigodo de Toledo. (Séculos VI-VIII)*. São Paulo: Edusp, 2012.

_____ ; FRANCO JUNIOR, Hilário. Resenha. *Os Três Dedos de Adão. Ensaios de Mitologia Medieval*. In: *Brathair (Online)*, Brathair, pp.107-109. N° 10, 2012.

BATISTA NETO, Jônatas. Aspectos das Viagens Medievais: obstáculos e perigos. *Rev. hist.*, São Paulo, N°119, 1988, pp. 179-197). Disponível em: www.revistas.usp.br/revhistoria/article/download/18579/20642.

BLOCH, M. *Apologia da história* ou o ofício do historiador. Rio de Janeiro: Editora. Jorge Zahar, 2001.

BONASSIE, Pierre. *Les cinquante mots-clés de l'histoire médiévale*. Toulouse : Éditions Privat, 1981.

FRANCO JÚNIOR, H. *A Idade Média. O nascimento do Ocidente*. 2ª ed. São Paulo, Brasiliense, 2001.

_____. *A Eva barbada*. São Paulo: Edusp, 1996.

GARCIA DE CORTAZAR, J. A. El hombre medieval como “Homo Viator”: peregrinos y viajeros. In: IGLESIA DUARTE, José Ignacio de la. (Coord.). *Semana de Estudios Medievales*, 4, Nájera, de 2 a 6 de agosto de 1993. Actas Logroño: IER, 1994, p. 11- 30.

LE GOFF, J. *A civilização do Ocidente medieval*. Bauru-SP: Edusc, 2005.

_____. *As raízes medievais da Europa*. Petrópolis: Vozes, 2010.

_____. *Cultura clerical e tradições folclóricas na civilização merovíngia*. In: Para um novo conceito de Idade Média. Lisboa: Estampa 1980.

_____. *Heróis e maravilhas da Idade Média*. Petrópolis: Vozes, 2009.

_____. *O imaginário medieval*. *Signum*. N° 10. pp .63-72, 2008.

_____ & TRUONG, Nicolas. *Uma História do corpo na Idade Média*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

LIBER SANCTI JACOBI “CODEX CALIXTINUS”. Tradução e notas de MORALEJO, A; TORRES C; FEO, J. Santiago de Compostela: Xunta de Galícia, 1998. In: MALEVAL, Maria do A, T. *Maravilhas de São Tiago. Narrativas do Liber Sancti Jacobi* (Codex Calixtinus). Niterói: Eduff, 2005. (Versão bilíngue Latim-Português),

MAROTO, Daniel de Pablo. *Historia de la espiritualidad Cristiana*. Madrid: Editorial de espiritualidad, 1990.

PASTOUREAU, M. *No tempo dos cavaleiros da tábua redonda. França e Inglaterra. Séculos XII e XIII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

RUCQUOI, Adeline. Peregrinos medievais. *Tiempo de historia*. Año VII, n° 75. 1981). pp. 82-99. Disponível em : <http://gredos.usal.es/jspui/bitstream/10366/24634/3/THVII~N75~P82-99.pdf>

RUNCIMAN, Steven. *História das Cruzadas. A primeira Cruzada e a fundação do reino de Jerusalém*. Rio de Janeiro: Imago, 2002, v.1.

SCHMITT, Jean-Claude. *La fabrique des saints*. In: *Annales. Économies, Sociétés, Civilisations*. 39e année, n° . 2, 1984. pp. 286-300.

VÁSQUEZ DE PARGA, L; LACARRA, J.M & URÍA RÍU, J. *Las peregrinaciones a Santiago de Compostela*. 3 vol. Madrid: C.S.I.C. – Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Escuela de Estudios Medievales, 1948-1950, vol.1, p, 10.

VAUCHEZ, André. *A Espiritualidade na Idade Média Ocidental. Séculos VIII à XIII*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.